

Raimundo Erineu Melo

MEMÓRIAS OBLÍQUAS

Conversas ao pé do ouvido na terra do Padre Mororó



Editora
**SER
TÃO
CULT**
10 anos



Raimundo Erineu Melo

É cearense, escritor, engenheiro químico e advogado. Autor do livro "VIDAS EM DOIS ATOS" (romance). É Membro Correspondente da Academia Groairense de Letras (AGL), Titular da Cadeira nº 3, Patrona Joventina Alves Feijão, em Groaíras Ceará. Atualmente reside em Brasília - DF.

Raimundo Erineu Melo

MEMÓRIAS OBLÍQUAS

Conversas ao pé do ouvido na terra do Padre Mororó

Sobral - CE
2024

Editora

**SER
TÃO
CULT**

10 anos

MEMÓRIAS OBLÍQUAS - Conversas ao pé do ouvido na terra do Padre Mororó

© 2024 copyright by: Raimundo Erineu Melo.

Impresso no Brasil/Printed in Brazil



Editora
**SER
TAO
CULT**
10 anos

Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138
Renato Parente - Sobral - CE
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222
contato@editorasertaocult.com.br
sertaocult@gmail.com
www.editorasertaocult.com.br

Coordenação Editorial e Projeto Gráfico
Marco Antonio Machado

Coordenação do Conselho Editorial
Antonio Jerfson Lins de Freitas

Revisão
Karoline Viana Teixeira

Diagramação e capa
João Batista Rodrigues Neto

Catálogo
Clegh Lima da Silva - CRB3/967

M528m

Melo, Raimundo Erineu.

Memórias oblíquas: Conversas ao pé do ouvido na terra do Padre Mororó. / Raimundo Erineu Melo. - Sobral CE: Sertão Cult, 2024.

142p.

ISBN: 978-65-5421-128-4 - papel
ISBN: 978-65-5421-129-1 - e-book - pdf
Doi: 10.35260/54211291-2024

1. Memória. 2. Groaíras, CE. 3. Cultura Cearense- Groaíras. I. Título.

CDD 981.31



SUMÁRIO

Prefácio I	9
Prefácio II	11
Apresentação	12
No Beco da folia é assim	14
O Primeiro Livro	19
Filomena	22
Maria dos Prazeres	25
À Procura da Felicidade	29
Ébrio Letrado	31
Asteroides à vista	34
Bichu Indígena	36
Caatinga – 28 de abril	39
Ardor pela vida	41
Laurinha	43
Carrego em mim essa criança	47
Cheiros Impactantes	49
Infância	50
Cresci	51
Ceará Cantado	52
Chega de Aparições	54
Bora Coisar	57
Diversão Garantida	59
Menino Peri	62
O meu avô e a sua aposentadoria	65
Mestre Neco	67
Groaíras	69
Por que a gente cresce e deixa de ser criança	70
O “Último” Pierrô	71
Ode à GRO-A-Í-RAS – 23 de maio	73

Primeiras Letras e Números	75	
Nordestino	78	
Dicionário Cearense	79	
Como essa Terra é Sofrida	81	
“O Cara de Branco”	84	
Caminho Invertido	86	
Campos Santos	88	
Meu Ceará tem Língua Própria	90	
“Lá no Zé Rufino tem”	92	
Uma mulher empoderada – Dona Nonata Lira		94
O Vidente Antônio Feijão	97	
Lá vem a Biruta	100	
O Poço das Mulatas	102	
O velho canoeiro e o meu pai	103	
Aí tem bainha pra foice?	105	
Casamento Coletivo	108	
O que eu diria a meu pai	109	
Carta ao pai ausente	111	
A arte como ofício	112	
Dona “Paróquia”	115	
O divino e o profano	117	
Cruzeiro Centenário	120	
Sinais de pontuação em polvorosa	123	
Arrelia – O gato preto da dona Etelvina		126
Caminho suave	129	
Pecado original ameaçador	130	
O café que não era nice	133	
O Palhaço	136	
Missa Solene	137	



*Aos meus pais, Júlio Raimundo de Melo e
Joentina Alves Feijão*

“Lembrar é fácil pra quem tem memória, esquecer é difícil pra quem tem coração” — *William Shakespeare*.

“Como sou pouco e sei pouco, faço o pouco que me cabe me doando por inteiro” — *Ariano Suassuna*.

“O meu único medo é que amanhã possa morrer sem ter chegado a conhecer-me” — *Sadek Hedayat*.





Padre Gonçalo Inácio de Lóiola Albuquerque e Melo, o Padre Mororó. Patrono da cadeira 10 da Academia Cearense de Letras. Nasceu na povoação Riacho Guimarães, hoje Groaíras (CE), no dia 24 de julho de 1778. Filho do alferes Félix José de Sousa e Teodósia Maria de Jesus Madeira. Foi um dos mártires da Confederação do Equador (movimento revolucionário de caráter republicano e separatista ocorrido inicialmente em Pernambuco, alastrando-se para outras províncias do Nordeste do Brasil e que tinha como pressuposto combater o autoritarismo de Dom Pedro I e defendia a instalação da República no Brasil ao invés do Império). Fuzilado por determinação do próprio Imperador Dom Pedro I, no dia 30 de abril de 1825, na cidade de Fortaleza (CE), na Praça dos Mártires (Passeio Público).

De Riacho Guimarães a Groaíras

Groaíras localiza-se na região Noroeste do Estado do Ceará, na microrregião de Sobral e fica a 273,3 Km de Fortaleza. Tem uma população estimada de 11.000 habitantes, de acordo com o Censo de 2022.

Os primeiros relatos de sua criação datam em torno do ano de 1700, com a chegada à Ribeira do Rio Acaraú do português Alferes Lourenço Guimarães de Azevedo, proveniente da Ilha dos Açores. Estabeleceu-se com sua esposa, Maria Martins, brasileira, natural de Pernambuco, e toda a sua família. Fixaram residência numa fazenda e a denominaram de "Riacho Guimarães", julgando que as águas que passavam pelas terras da fazenda diziam respeito a um simples ria-

cho. Na verdade, era o Rio Groaíras, um dos afluentes do Rio Acaraú. Ao descobrirem a extensão daquilo que consideravam "riacho", após algum tempo, a antiga fazenda tornou-se Vila Guimarães e depois Vila Groaíras, até alcançar a condição de cidade.

A igreja matriz, antiga capela, foi construída em 1712 por Antônio Albuquerque Melo, genro de Lourenço Guimarães de Azevedo. Lourenço doou "cem braças de terra" para a construção da capela, tendo como padroeira Nossa Senhora do Rosário. A Paróquia foi criada muito tempo depois, no dia 12 de dezembro de 1943, pelo então bispo diocesano de Sobral, Dom José Tupinambá da Frota.

Riacho Guimarães foi sede de grandes fazendas de criação de gado e ponto onde se comercializavam os produtos da terra.

Em 1938, o distrito Riacho Guimarães foi promovido a vila com a denominação Vila Guimarães. O nome Groaíras somente foi oficializado pelo decreto 1114 de 30 de dezembro de 1943, ainda na condição de vila, a Vila Groaíras.

Somente chegou à categoria de município independente no dia 23 de maio de 1957, por força da lei 3.603, assinada pelo então governador do Estado do Ceará, Flávio Portela Marcílio.

O vocábulo "Groaíras" etimologicamente significa "mel de que os pássaros gostam" (tupi-guarani). É conhecida como a cidade dos três rios, pois abriga em suas terras o Rio Groaíras, o Rio Jucurutu e o Rio Acaraú.

É também berço do mártir da Confederação do Equador, Gonçalo Inácio de Loiola Albuquerque e Melo, alcunha de Padre Mororó, onde nasceu a 24 de julho de 1778. Mororó foi fuzilado na cidade de Fortaleza, a 30 de abril de 1825.

Atualmente, o município de Groaíras contempla, além da sede, o distrito de Itamaracá e "macrorregiões", como Boa Vista, Marrecas, Juá, Córrego dos Matos, dentre outras.





PREFÁCIO I



E numa sexta-feira, às 20h12, deparo-me com a provocação do conterrâneo Raimundo Erineu para escrever o prefácio do seu livro *Memórias Oblíquas*, uma coletânea de histórias com personagens reais da nossa cidade natal, Groaíras, Ceará.

Impulsivamente, disse sim sem nem ouvir o restante do áudio desafiador. Conhecedora da trajetória de vida do autor — estudioso, curioso, interessado, entusiasta, perguntador, observador, animado —, bem como do potencial na arte de escrever por ter interagido com boa parte dos personagens e histórias, não poderia me eximir da missão.

Toda história é uma busca. Há mais conteúdo numa história do que imagina nossa vã filosofia, principalmente quando trata de “lembranças enviesadas, diagonais e tortuosas, que vagam pelo tempo”, “de um período em que me considerei feliz”, “para preservar as pessoas que foram importantes e queridas para mim”, como afirma o amigo escritor.

O livro explicita a paixão do autor pelas vivências, sonhos, alegrias e tristezas de personagens da cidade, no sentido de homenageá-las num verdadeiro resgate ao registrar uma viagem através da memória.

Não tenho dúvida de que estas histórias alimentaram os sonhos e quotidianos do autor e de tantas outras crianças e adolescentes, cujos olhos se enchem de esperança e os corações, de coragem ao ouvi-las. Diferentemente dos personagens literários ou cinematográficos, quando o leitor/espectador costuma se colocar no lugar deles, a aventura aqui será real.

E para os que não vivenciaram o dia a dia groairense, a leitura permitirá sentir a saudade do que não viu e compartilhar o indizível.

Para obedecer ao critério de elaborar um bom prefácio, tenho que despertar a curiosidade do leitor, porém, sem *spoiler* (revelação antecipada de informações sobre um filme, série, livro, que a pessoa ainda não tenha visto), uma vez que o desconhecimento sobre o que contém o livro é o que impulsionará a sua leitura. E esta terá que

ser marcante, impactante e surpreendente! Que graça teria um jogo decisivo se soubéssemos de antemão qual seria o resultado?

Dessa forma, estimado leitor, as histórias estão a lhe esperar. O autor é um especial narrador que recupera, com excelência artística e esmero de atenção, as falas e saberes de cada personagem, desafiando-nos a permanecer ligados à realidade ao ler cada história.

Os textos conseguem nos deleitar, não apenas pelas particularidades, personalidades, individualidades e singularidades envolvidas, mas também por impedir que os fatos relatados cicatrizem e caiam no esquecimento.

E, por fim, no frigidar dos ovos, caro leitor, nós somos os personagens que Erineu Melo retrata no livro. Espero firmemente que nada o impeça de ler este livro imediatamente!

Liduína Aragão Matos Donato

Economista, teóloga, aposentada pelo Banco do Nordeste do Brasil S.A. Atualmente exerce o cargo de diretora do Lar Torres de Melo em Fortaleza, Ceará (instituição de longa permanência para idosos).





PREFÁCIO II



Era o primeiro dia de aula no curso de Engenharia Química, naquele fevereiro de 1978, quando conheci Raimundo Erineu. Os veteranos chegaram a nossa sala de aula a fim agitar e um dos primeiros a sofrer foi exatamente esse que se tornaria o grande amigo de todos os tempos.

Vivemos grandes momentos, sonhos. Ele se tornou bancário do Banco do Brasil, depois Brasília se tornou sua morada. Eu, professora, permaneci no Ceará, mas a amizade permanece até hoje. Agora recebo o convite para apresentar seu segundo livro, dessa feita, de contos. Ambos fazemos parte de academias de letras, cada um na sua terra natal.

Ele aprendeu a ler e a escrever cedo e ainda no tempo de faculdade pude apreciar algumas “criações” dele.

Alguns desses contos, como ele próprio narra, são histórias que aconteceram em Groaíras, passados de geração a geração por pessoas de credibilidade na cidade — claro, com um toque do autor. Eu tive o prazer de ler cada um e, de certa forma, infiltrar-me como observadora, acompanhando como se presenciasse, de fato, alguns acontecimentos e criações, talvez por conhecer a cidade dele e alguns nomes.

Compete ao autor contar e encantar através de suas histórias, dando vida a personagens, reais ou imaginários. Aqui registro minha satisfação em poder opinar sobre esta obra e meu agradecimento pelo convite.

Convido você, leitor, a se aventurar nesse universo de memórias e criatividade, a se emocionar, rir e até refletir sobre “causos” do interior do Ceará.

Maressa Vieira

Membro titular da Academia Limoeirense de Letras em Limoeiro do Norte (ALL)



APRESENTAÇÃO



A arte não possui um gênero, cor, estado ou adjetivações. É uma fervente caldeira abarrotada de memória. Vulcões em erupção. A qualquer momento, eles explodem e nos presenteiam com os seus ensinamentos. As experiências acumuladas rebentam em todas as direções, tornando o artífice tolerante e exigente. O escritor faz parte desse seletto grupo de artistas.

Certa vez, em uma entrevista, a escritora inglesa Virginia Woolf afirmou que todo artista é andrógino. E ela estava certa. Fazendo uma analogia, o escritor possui uma antena captadora de energia universal e pode escrever o que quiser.

Não existem livros escritos por “homens” ou “mulheres”, “doentes” ou “saudáveis”, por “homossexuais” ou “heterossexuais”. O que realmente importa é a mensagem que eles carregam.

Andrógino é uma palavra que pode ser tanto adjetivo quanto substantivo, comum de dois gêneros, embora o dicionário traga a palavra no masculino. Ela descreve características, traços ou comportamentos imprecisos, que estão entre o masculino e o feminino. O escritor se enquadra nesse perfil. Ele detesta a ideia de fatos únicos e busca expandir os conceitos que estão enraizados em uma perspectiva limitada.

Sendo assim, eu escrevi este livro, intitulado *Memórias Oblíquas*. São lembranças enviesadas, diagonais e tortuosas, que vagam pelo tempo. Não tenho a intenção de ser visto como “chato” ou “nostálgico”, mas, caso me chamem assim, eu até aceito de forma carinhosa. O que não admito é que me enxerguem como aquele tipo de pessoa que vive dizendo “no meu tempo tudo era melhor, sinto falta...”. Essa forma clichê de saudosismo me incomoda. Meu objetivo é retratar memórias de um passado em que tudo parecia ser valioso, como o ouro nas mãos do rei Midas. Quero preservar as pessoas que foram importantes e queridas para mim. Aceito, mesmo com algumas ressalvas, o meu tempo como o presente, esse cronômetro voraz que consome a respiração de forma ácida e, às vezes, até mesmo adocicada.

Os tropeços e sucessos do passado me tornaram vigilante e cauteloso. Não é porque eu tenha ouvido Mozart que eu deixe de apre-

ciar a música popular. E eu respeito a opinião daqueles que torcem pelos inúmeros desafios da pluralidade. E isso não me faz menos velho ou mais erudito, ou menos “chato”.

O escritor é um caso de insanidade anunciada. Estamos envelhecendo e, com isso, aprendemos a gostar de coisas que antes detestávamos. Quando criança, detestava chá de erva-cidreira e de malva-santa. Hoje, adoro os chás, principalmente em uma noite fria e chuvosa. Perder a vasta cabeleira ainda me faz hesitar em relação ao resto. Perde-se aqui, ganha-se ali. Aprendi a contabilizar esses resquícios sopesando perdas e ganhos. Então, saí por aí a contemplar o pó da estrada e a aguardar minha vez na fila.

O samba de raiz me deixou uma lição: “O importante é ser feliz e mais nada”. É o artista da música nos ensinando a viver. Todo mundo deseja a felicidade. Seja na América, na Lua, no Sol Nascente ou no Sol Poente. Não é uma tarefa fácil. Ter saúde, dinheiro e um bom emprego é um portfólio que todos desejam carregar. No entanto, nosso conjunto de desejos e ambições não possui medidas definidas. É tudo uma questão de prioridade.

Por esse motivo, organizei esses textos de um período em que me considerei feliz. Gostaria de registrá-los. Sou uma pessoa de extremos, com certa dose de bipolaridade. Não me sinto bem quando machuco o dedo em algum lugar e acredito que ninguém ache isso agradável. Odeio atrasos e conversa vazia. Esperar por cinco minutos me irrita. Gosto de escrever frases bem-acabadas com sujeito, verbo e predicado. Sinto-me truncado, às vezes, por causa disso. Jovens escritores! Por favor, escrevam novas fórmulas, novas inversões. Criem um novo estilo de poesia. Desenvolvam novas lágrimas de emoções. Sendo assim, peço desculpas se não corresponder às expectativas. Não tenho pressa...

O AUTOR

CAMINHO SUAVE



O gato preto da Dona Etelvina passeia garboso pela beira do rio. Procura o “Poço do Félix” e o encontra na mais profunda solidão. Sente saudades das crianças que pulavam dos oiticicais e das lavadeiras a pôr as roupas na areia fina do “quarador”. Dá cambalhotas em direção à “Camboa” e rasteja nas algas azuis semeadas pelo rastro da carroça do Vicente Camilo.

Segue cabisbaixo rumo à Praça da Matriz. Procura os tamarineiros e o coreto, e não os encontra. Apenas a carnaubeira espalma as palhas ao vento, abraçando os corações dos habitantes solitários. O chafariz chora o desprezo e sucumbe em meio à tecnologia. O bichano enxerga o Salão Paroquial e segue esperançoso em ver as fotos dos alunos nas paredes emboloradas. Nada restou. Nem mesmo o lambe-lambe do Biscoito resistiu ao tempo.

O fole do mestre Burico não mais ilumina a Manoel Jerônimo. As abelhas assassinas ainda se refestelam por cima do corpo do Raimundo Grepe. O gato fareja os sons dos tambores do Sete de Setembro e escuta tão somente o ruído das andorinhas que sobrevoam a Igreja do Rosário. Toma o destino da Rua São José e espera avistar o Curral do Açogue. Nada.

Tudo está diferente. Sente uma dor no peito e vai até o Centro Cultural. Espia as vidraças com o olhar felino aguçado. Nelas há três letras que instigam a sua curiosidade — AGL. O A seria de amor, o G de gratidão e o L de liberdade? Sentimentos que um gato de pedigree almeja alcançar. Avista homens e mulheres vestidos de preto com uma grande medalha dourada no pescoço. Escuta os acordes do Hino Nacional e recorda a Escola Paroquial. Ouve falas, palmas e no final um moço estiloso entoando uma Ave Maria Nordestina num instrumento musical de sopro reluzente.

Ouve alguém pronunciar: Academia Groairense de Letras. Entende então o significado das três letrinhas figurantes na porta principal. Ele se sente aliviado e respira os ares de outrora. Dá meia-volta, solta um miado rasante na língua de Camões e se encaminha novamente para a Praça da Matriz. Nem tudo está perdido. Ainda restam esperanças...

Editora
**SER
TÃO
CULT**
10 anos

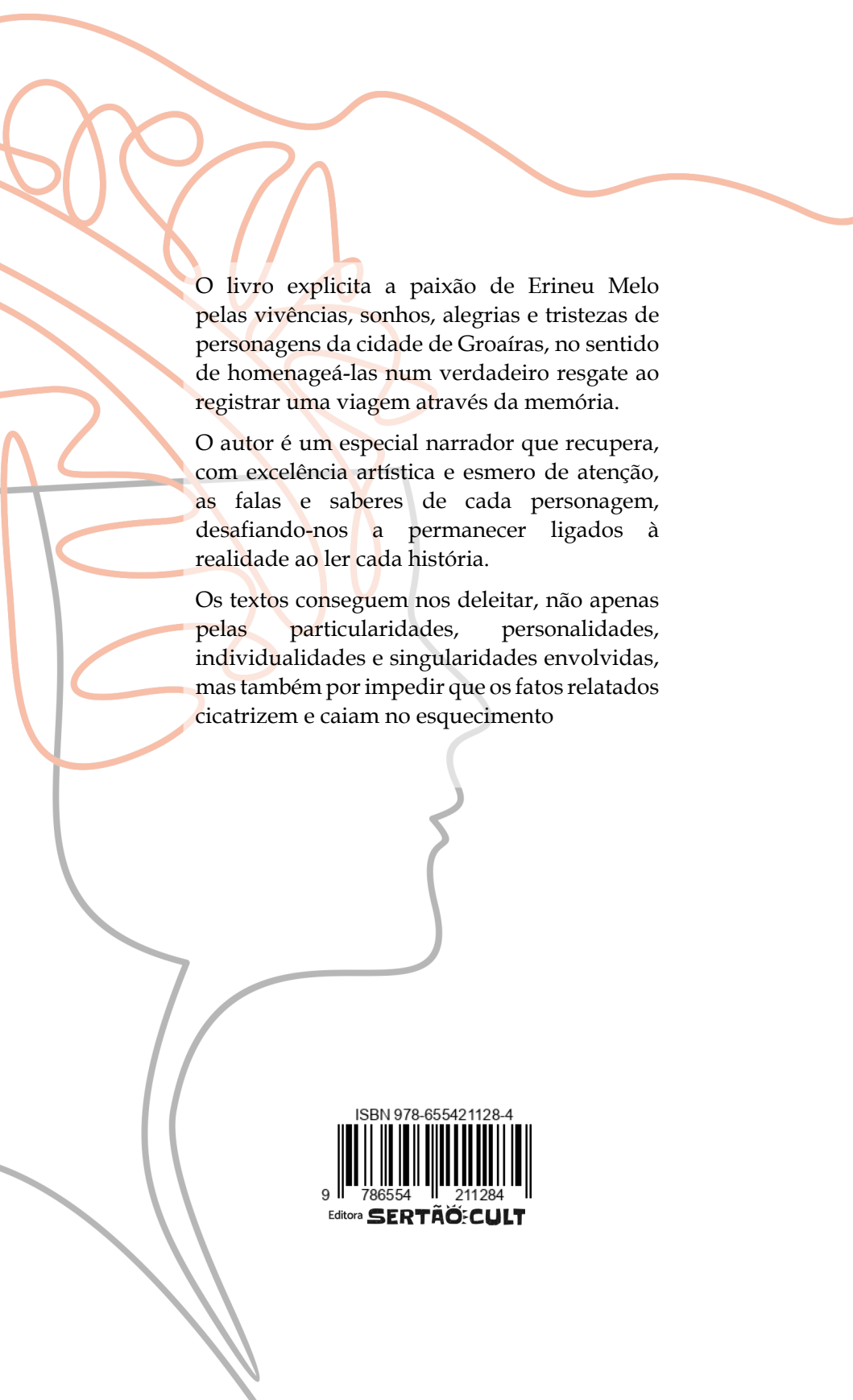
Este livro foi composto em fonte Book Antiqua, impresso no formato 14 x 23 cm em Pólen natural 80g/m², com 142 páginas e em e-book formato pdf.

Abril de 2024.

**Saiba como adquirir o livro
completo no site da SertãoCult**

www.editorasertaocult.com.br

Editora
**SER
TÃO**
CULT
10 anos



O livro explicita a paixão de Erineu Melo pelas vivências, sonhos, alegrias e tristezas de personagens da cidade de Groaíras, no sentido de homenageá-las num verdadeiro resgate ao registrar uma viagem através da memória.

O autor é um especial narrador que recupera, com excelência artística e esmero de atenção, as falas e saberes de cada personagem, desafiando-nos a permanecer ligados à realidade ao ler cada história.

Os textos conseguem nos deleitar, não apenas pelas particularidades, personalidades, individualidades e singularidades envolvidas, mas também por impedir que os fatos relatados cicatrizem e caiam no esquecimento

ISBN 978-655421128-4



9

786554

211284

Editora **SERTÃO:CULT**